

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

castidade e das práticas pecaminosas. As guerras travadas entre mouros e cristãos ajudaram a alimentar o imaginário escatológico permeado pelo prazer, a dor, a condenação e a santificação, em que a qualquer custo era preciso afirmar a fé cristã, juntamente com seus dogmas e princípios. Produto da vida palaciana e do ambiente cortesão, as cantigas de amor do cancionero português deram testemunho desta bricolagem de textos, teses, idéias e temores do imaginário cristão medieval no trovadorismo lusitano.

Referências

ANTOLOGIA DE TEXTOS MEDIEVAIS. Seleção, Introdução e Notas de José Pereira Tavares. 2ª Ed. - Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane "Masculino\ Feminino" IN: LE GOFF e SCHMITT, J.C (Org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** Coord. de tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru/ São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002, vol. II.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média.** Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SPINA, Segismundo. **Presença da Literatura Portuguesa. Era Medieval.** 11ª ed. - Rio de Janeiro: Difel, 2006, vol. 1.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e desejo no Ocidente Cristão.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.



OS VALORES CAVALEIRESCOS NO ROMANCE MIRAGAIA

COSTA, Kamila J. D. da
SIQUEIRA, Ana Márcia A. (Orientadora)

Resumo

O artigo pretende analisar os ideais cavaleirescos presentes no romance *Miragaia*, que está incluído no volume I do *Romanceiro*, de Almeida Garrett. Nossa pesquisa deteve-se em procurar, neste romance, os valores medievais que caracterizam o cavaleiro e a dama, para a melhor compreensão desses elementos em relação à sociedade medieval, enfatizando a importância desses estudos para a compreensão da cultura portuguesa.

Palavras Chaves: Romance Popular. Ideais Cavaleirescos. Sociedade Medieval.

Considerações Iniciais

Os romances populares, por alguns séculos, ficaram à margem dos estudos literários. Mas no século XIX, a Europa estava passando por várias modificações, a mais significativa foi o fortalecimento dos Estados, que culminou em um sentimento nacionalista em todos os países. Tal fato refletiu na literatura, com o advento do Romantismo. Diante de tais transformações surgiu a necessidade de se resgatar e preservar a cultura e a literatura popular, que até então sobreviviam na oralidade. O romancista Almeida Garrett, com o objetivo de preservar a autêntica e viva literatura

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

portuguesa, coletou e compilou vários desses romances populares passados de gerações a gerações e os reuniu em seu *Romanceiro* publicado em 1883.

O romance popular intitulado *Miragaia*, faz parte do volume I desse *Romanceiro* e é um dos romances mais antigos da tradição portuguesa, remontando a uma história do período medieval. Tal relato está incluído no *Livro Velho de Linhagens* (1270) e no *Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro* (1340/1344), genealogias da nobreza ibérica, as quais englobavam tanto as famílias aristocráticas de Portugal como de Castela no período considerado.

Com o referente trabalho pretendemos analisar esta narrativa tradicional, destacando os ideais cavaleirescos e os elementos que a classificam como um romance de origem medieval, para que possamos compreender mais sobre a sociedade cavaleiresca, sua história e cultura, visto que esse romance entrelaça literatura e história em sua construção. Como fundamentação teórica, utilizamos George Duby (1989), Maria do Rosário Ferreira (1998) e José Carlos Miranda (1988).

O presente artigo tem por objetivo principal ressaltar a importância desses estudos relativos às narrativas portuguesas medievais relacionadas ao heroísmo, com o intuito de compreender melhor como ocorreu o processo de formação do herói brasileiro, visto que o herói nacional sofreu forte influência da literatura portuguesa. Assim, pretendemos destacar quais as peculiaridades que caracterizaram o herói medieval, destacando os valores cavaleirescos, como a honra, a bravura, a coragem, assim como a fidelidade à Igreja Católica.

Fundamentação Teórica

Para que possamos analisar a narrativa incluída no *Romanceiro*, de Garrett, primeiramente precisamos destacar alguns pontos fundamentais relacionados à *Lenda de Gaia*, que está contida nos *Livros de Linhagem*, para depois trabalharmos os elementos cavaleirescos que compõem a sociedade medieval.

Como já explicitamos, a narrativa tradicional intitulada *Miragaia*, está incluída em dois livros genealógicos. Entretanto, não há fontes seguras em relação à origem dessa narrativa, mas como esclarece Miranda (1988), esta seria uma adaptação de um conto de origem oriental, intitulado “contos de Salomão”, caracterizado como uma narrativa amorosa, que tem por tema a reconquista e a mulher adúltera. Provavelmente, tal conto foi introduzido na Europa nos séculos XI e XII. Em relação a sua difusão a questão torna-se mais complexa, assim que a maioria dos críticos prefere acreditar na primitiva difusão oral. Além disso, os *Livros de Linhagens* trazem duas versões distintas do romance.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Segundo Miranda (1988), as duas narrativas contêm enredos dramáticos e movimentados, que misturam oposições religiosas, mouros e cristãos, sentimentos de vingança, despeito e violência guerreira. Essas distintas versões podem ser explicadas, pela transmissão oral, isto é, por serem narrativas difundidas oralmente.

Outra importante questão a ser considerada é que essas narrativas não podem ser vistas somente do âmbito literário, pois estão incluídas em genealogias e, de certa forma, possuem uma relevância histórica, visto que contêm personagens reais como protagonistas e ambientes conhecidos. Por isso, alguns elementos fantásticos herdados do conto de Salomão, tiveram que ser substituídos por elementos divinos que fossem aceitos pela sociedade medieval. Além disso, era necessário realizar algumas modificações que permitissem explicar o surgimento da família Maia, de ascendência árabe. Assim, houve uma modificação no final da narrativa, que antes tinha somente um fim trágico, baseado no conto de Salomão, de origem oriental.

Após esta rápida explanação sobre as origens do referido romance, passaremos para a análise dos elementos cavaleirescos que constituem a obra. Para que possamos compreender como se constituía a sociedade cavaleiresca, precisamos, segundo Duby, ir às raízes do vocabulário de tal palavra, e logo após, entender o real sentido desse termo.

No final do século XI, alguns nobres senhores passam a adotar pessoalmente o termo *miles*, termo com significado essencialmente militar, utilizado para designar um grupo de guerreiros montados. Assim, a cavalaria passou a ser considerada como uma união forte, compacta, de valor hereditário, “um corpo que se anexou aos escalões superiores da nobreza e que, por conseguinte, se identifica com toda a aristocracia laica.” (DUBY, 1989, p.34). Nesse mesmo período houve a necessidade de se diferenciar camponeses de cavaleiros, assim, somente os nobres poderiam ter referente titulação, com isso surge o termo *pedites*, que eram os demais combatentes, de origem camponesa, que não possuíam cavalos. Naquela época somente aqueles que possuíam cavalos eram dignos de serem cavaleiros. E somente a nobreza tinha condições de adquirir cavalos e armas.

Na era carolíngia, período anterior ao século XI, ocorreu o resgate dos estudos e do latim, através do retorno a fontes clássicas. Em decorrência disso, propagou-se a idéia de que a ação militar se tornava aos poucos um “serviço especializado, honroso e privado”. (DUBY, 1989, p.40). A palavra *miles* significava antes de qualquer outra coisa, servir. E para os escritores do ano mil a *militare alicui* significava servir em vassalagem. Dessa forma, surgiu a questão: como o rei poderia possuir o título de cavaleiro?

O edifício social proposto por alguns escritores colocava os príncipes acima dos homens armados, *miles*, que os ajudavam a manter a ordem. Estes cavaleiros eram subalternos, dependentes

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

e recebam pelo seu serviço. Além disso, nessa época a Igreja necessitava não somente de proteção, como também de guerreiros que lutassem em seu favor, na Reconquista, e pelo povo. Segundo Duby (1989), Santo Odon conferiu aos nobres a função de proteger o povo e combater os inimigos da Igreja. Para ele os nobres “recebem de Deus a espada, não para a manchar, mas combater aqueles que vão contra a autoridade da Igreja oprimindo os pobres”. (DUBY, 1989 p. 45). Com isso concluímos que os cavaleiros surgem com a principal função de manter a ordem cristã. Por isso não foi difícil fazer a nobreza aceitar tal título, pois participar das cruzadas era glorificante. Com tal estudo, sobre as origens da cavalaria, constatamos que todos os cavaleiros eram nobres, porém nem todos constituíam a realeza.

Após esta rápida explanação sobre as origens da narrativa, e como se deu o processo da constituição da sociedade cavaleiresca, partiremos para a análise dos trechos, com a finalidade de salientar as características que compõe o cavaleiro e a dama.

Análise

A narrativa popular Miragaia, coligida por Almeida Garrett está dividida em quatro cantos. O romance narra a história trágica de uma rainha cristã, chamada Gaia, que foi traída e abandonada pelo marido, Rei Ramiro, que a substitui por uma princesa moura. Logo após, a rainha cristã é raptada pelo Rei mouro Alboazar, irmão da princesa moura. A narrativa se desenvolve a partir desse drama, culminado em um fim trágico. A partir de agora, faremos uma análise progressiva, analisando cada cantiga destacando os elementos medievais presentes em cada uma delas.

A primeira cantiga inicia-se com alguns versos que prenunciam a tragédia que virá a ocorrer, logo após, temos o rapto da princesa moura pelo rei Ramiro, mas tal feito somente é possível com a ajuda de um “perro brujo”, como podemos observar nos seguintes versos:

Bem ledó está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judío
Foi causa de ele a roubar.
Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia afirmar
Que Zara, a flor da beleza,
Lhe devia de tocar.
E o rei veio de cilada
De além do Doiro passar,
E furtou a linda moira,
A irmã de “Alboazar.
(...)
(GARRETT, 1983, p. 123)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Após a leitura constatamos que o Rei Ramiro, um nobre cavaleiro, fere as normas da Igreja, ao pedir ajuda a um “perro brujo”, pois segundo a Enciclopédia Católica Popular (2004) a utilização de magia, feitiços, e outros meios obscuros, ferem a moral da fé cristã por afastar os fiéis da verdadeira fé. Além disso, o rei abandona a sua rainha cristã, outro ato condenável perante a Igreja, pois o divórcio não é permitido pelo cristianismo, afinal segundo os preceitos cristãos, “o que Deus une o homem não separa”. Este canto se desenrola com as queixas de Gaia, que sofre sozinha no castelo; logo após, ocorre o rapto da rainha, pelo mouro Alboazar, que “com sete mouros a vem roubar”.

Na segunda cantiga o rei cristão se “arrepende” por ter abandonado sua rainha, pois a princesa moura já não o satisfaz. Dessa forma, decide resgatar Gaia, das “garras” do rei mouro, disfarçando-se de ermitão, como podemos verificar nos seguintes versos, “pela encosta do castelo/ vai um romeiro a cantar:- «Santiago de Galiza,/ longe fica o vosso altar: Peregrino que lá chegue/ não sabe se há-de voltar.»” (GARRETT, 1983, p. 127). Mais adiante, o rei conta com a ajuda de uma das criadas de Gaia, que estava à fonte, para entrar no castelo:

A donzela está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
- «Bendito sejais, romeiro
E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros
É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tão santas,
Cantigas do meu criar.”

«Entre véspera e completas,
E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

«E as rezas destes moiros
Ao demo as quisera eu dar.»
(...)
(GARRETT, 1983, p. 127)

Na segunda estrofe, verificamos que há uma exaltação aos preceitos cristãos e uma forte crítica em relação à religião árabe. Isso se deve ao fato de que este romance se passa no período da Reconquista, expulsão dos árabes da Península Ibérica. Após isso, rei Ramiro pede à criada que leve um recado a Gaia, uma autorização para vê-la. Ela o atende e a Gaia vai levar o recado. Rei Ramiro

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

põe na jarra o anel, Gaia ao beber a água espanta-se e a criada explica o fato afirmando ter sido um santo ermitão, que gostaria de vê-la.

O terceiro canto inicia-se com o encontro do rei Ramiro com Gaia, esta ainda não o reconhece. Ele aparentemente muito arrependido se põe logo a chorar, a rainha assustada indaga o porquê do drama, e rei Ramiro responde:

Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pesar!
Que uma rainha cristã
Feita moira vim achar...»

- «Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuidar:
Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é desar.

«Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o pecar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe há-de tomar.»

- «Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que pode tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandai-o já castigar.»

(GARRETT, 1983, p. 131)

Nestes versos, rei Ramiro se revela para Gaia, que sente um turbilhão de emoções, como podemos constatar,

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdoa ele e vive,
Ela não - que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triunfar
Num coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

(GARRETT, 1983, p. 132)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Percebemos que Gaia, por mais que queira perdoar não consegue, pois os sentimentos de vingança e vaidade prevalecem. Logo após, o rei Ramiro ajoelha-se e implora o perdão de Gaia, temos uma inversão de papéis tendo em vista que a mulher, segundo a Enciclopédia Católica Popular (2004), por ser responsável pelo pecado original, recebe como penitência não somente as dores do parto, mas a submissão ao poder masculino. Mas neste romance temos, tal como no ato do pecado original o poder feminino de sedução prevalecendo diante do poder masculino. A súplica continua até a chegada do rei Alboazar, que estava a caçar, Gaia pede ao rei Ramiro que se esconda. O rei mouro estava triste porque Gaia não o estava esperando, e pediu prontamente uma explicação, neste momento o embate ocorria no coração de Gaia, mas o sentimento de vingança e o carinho pelo mouro venceram:

- «Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomai esta chave e abride,
Vereis se são de pesar.»

Com que ânsia ele abriu a porta
Vista que foi encontrar!...
Palavras que ali disseram,
Não nas saberei contar:

(...)

- «Perdeste a honra, cristão;
Vida, quero-ta deixar.

«De uma vez, que me roubaste,
Muito bem me fiz pagar:
Desta basta-me a vergonha
Para de ti me vingar.»
(GARRETT, 1983, p.134)

Percebemos que o rei Ramiro não espera por tamanha traição de Gaia. Nos versos seguintes, completamente sem saída, o rei cristão utiliza-se de sua boa retórica, confessando-se culpado e de forma muito humilde aceita a sentença do rei mouro, mas pede para ser executado no pátio do palácio, pois há um exército cristão escondido, pronto para atacar segundo o seu comando. O rei mouro que nos referidos versos parece em princípio revoltado, tem ganas de perdoá-lo, mas Gaia não permite como verificamos a seguir:

Quizera-lhe o bom moiro
Por força ali perdoar;
Mas se a perra da rainha
Jurou de à morte o levar!...
(GARRETT, 1983. p.135)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Percebemos mais uma vez, o poder feminino sobrepondo-se ao masculino. Ao final deste canto, quando o rei Ramiro esta prestes a morrer em praça pública, tocam os trombones, e este é o sinal esperado, ocorrendo desta forma a invasão cristã.

No último canto, temos a morte de todos os mouros, que foram surpreendidos, e o retorno de Gaia às terras cristãs, mas esta se encontrava desolada. O rei Ramiro observando-a perguntou o porquê de tanta tristeza e ela respondeu que preferiria estar com o rei mouro, pois ele era um verdadeiro cavaleiro. Com isso Gaia, sentencia sua morte, “- «Pois mira, Gaia!» E, dizendo/ Da espada foi arrancar:/ Mira, Gaia, que esses olhos/ Não terão mais que mirar.»” (GARRETT, 1983, p.137).

A narrativa de Garrett se encerra tal qual os Contos de Salomão, final trágico, distinto do que vamos encontrar nos Livros de Linhagens, nos quais há a conversão da princesa moura ao cristianismo, dando origem a dinastia Maia.

Considerações Finais

Ao final deste trabalho nos foi possível constatar a forte presença dos elementos que constituíam a sociedade cavaleiresca medieval, no referido romance. Verificamos que os reis da Idade Média em sua maioria relacionam-se a uma missão sagrada, no caso do rei Ramiro, esta missão era libertar as terras cristãs do domínio dos mouros. Segundo a lenda, o rei Ramiro foi visitado pelo apóstolo Santiago que profetizou a vitória contra os mouros. Mesmo com as várias divergências sobre a conduta deste rei, ainda podemos considerá-lo como um cavaleiro, pois como foi exposto anteriormente, a principal função destes era lutar contra os inimigos da Igreja e do povo. Com o referido trabalho salientamos a importância dos estudos relativos às narrativas populares, pois como constatamos são histórias que datam ao período medieval e que sobreviveram através da oralidade. Assim, os estudos relativos a essas histórias possuem uma importância não somente para a preservação da cultura portuguesa, pois além de retratarem o gosto popular dos portugueses, por histórias trágicas, relacionadas à vingança, traição, sofrimento, injustiça, dentre outros sentimentos, também são histórias que possuem traços históricos e culturais relevantes, tais como o heroísmo, a valorização da honra familiar, a fidelidade à Igreja Católica e a luta irrestrita contra os infiéis. Mas principalmente porque através dos estudos de tais narrativas podemos compreender como ocorreu o processo de formação de nossos romances populares. Pois muitos desses romances de heroísmo e luta religiosa vieram para o Brasil, sofrendo as modificações e influências de outras culturas – africana e indígena – e assim ao final constituíram a nossa literatura nacional.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Referências

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARRETT, Almeida. **Romanceiro**. Lisboa: Estampa, 1883, v. I.

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR. São Paulo: Paulinas, 2004.

FERREIRA, Rosário do M^a. Outros mundos, outras fronteiras: Ramiro, Tristão e a divisão de Terra de Espanha. In: Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval – As relações de Fronteira no Século de Alcañices. **Revista da Faculdade de Letras – História**, II série, Vol. XV, t.2, Porto, p. 1567-1579, 1998.

MIRANDA, Carlos José. A Lenda de Gaia dos Livros de Linhagens: Uma questão de literatura?. **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**. N.5, Porto, p.483-516, 1988.



CELESTINA E O CONTEXTO HISTÓRICO NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

DAMASCENO, André B.
SILVA, Odalice de C. (Orientadora)

Resumo

Este trabalho pretende demonstrar como, no final do século XV, Fernando de Rojas, através da obra *La Celestina*, denunciava a opressão e os contra testemunhos de alguns cristãos. Por meio de investigação analítico-interpretativa, nossa pesquisa bibliográfica atinge somente três aspectos da obra na personagem Celestina, a saber: o histórico/social, religioso e cultural; a perspectiva literária dos diversos papéis representativos da personagem na narrativa, como a alcoviteira, a bruxa e a pessoa ambiciosa.

Palavras-chave: Literatura, Sociedade, Religião, Denúncia, Personagem.

Introdução

A obra *La Celestina* encanta seus leitores por sua narração simples e envolvente, também pelo seu misticismo e uma ansiedade que Fernando de Rojas desperta em nós leitores, em relação aos personagens de natureza complexa. Nesse trabalho, não nos deteremos em questões de gênero, visto que há uma grande discussão em classificar a obra em questão, nos diversos gêneros que a mesma, em sua feitura e estilo, poderia sugerir a um estudo imanente, como também, sobre a discussão de seus pretensos autores. Aqui trataremos somente de estudiosos, que não questionam a autoria de Fernando de Rojas; como Villanueva (1993), Gilman (1978), Parrilla (1999), Juan (2005) e etc...

Utilizaremos o estudo de Villanueva (1993) que retrata o autor Fernando de Rojas na perspectiva da personagem Celestina, como alcoviteira, a qual representa a sociedade da época do autor, sendo o veículo primordial para suas denúncias. Para Villanueva (1993), Celestina representa toda uma sociedade interesseira, sem escrúpulos, capaz de toda atrocidade e das mais vis jogatinas para obter dinheiro e lucro, tendo como pano de fundo seu bom relacionamento entre ricos e pobres e uma convivência legitimada pelos clérigos e autoridades da época.